

O PENSAMENTO DEMOCRÁTICO DE JACQUES MARITAIN

José Eduardo Suppioni de AGUIRRE*

COMENTÁRIO

A presente reflexão está calcada na obra de Paulo Moacir Godoy Pozzebon ("Fundamentos do Pensamento Democrático de Jacques Maritain", ed. UEL, 1998), sendo certo, no entanto, que as colocações, a seguir, extrapolarão em vários momentos o texto base.

1. A IMPORTÂNCIA DE MARITAIN

Maritain foi importante filósofo e teólogo católico do século XX, tendo o seu pensamento endosso quase oficial da Igreja Católica Romana, perdurando sua influência, seguramente, até a década de 1970.

Conseguiu ele, conforme ficará visto no curso destas ponderações, a partir da visão teológica do catolicismo, do pensamento filosófico de Tomás de Aquino e de Aristóteles, inserir-se nos grandes embates políticos do século XX.

(*) Mestrando em Direito pela PUC-Campinas.

Embora fosse Maritain crítico do capitalismo liberal sua concepção política jamais se identificou com o modelo marxista, procurando ele caminhos alternativos, que, embora, não delineados nitidamente, sugerem ora a adoção de uma economia fundada na co-propriedade dos meios de produção, ora a aceitação de um modelo capitalista de produção menos voltado para o lucro e mais centrado na distribuição de riquezas.

Sua influência declina com a progressiva incorporação, em setores da militância católica, de concepções econômicas e históricas nascidas no Marxismo.

A partir dos anos 70, importantes setores do catolicismo estabelecem a inexistência de contradição entre a visão cristã da vida e o estabelecimento de um sistema econômico socialista, em que o Estado deteria os meios de produção.

Deixam de vislumbrar, outrossim, contradição entre a visão teísta da história e a aceitação do materialismo histórico e da luta de classes.

Em resumo, passam a aceitar as análises históricas e econômicas do marxismo, separando-se deste apenas quando acolhe a religião como manifestação de alienação.

Para os novos cristãos, a crença em Deus e Cristo passa a ser um aval para uma decidida tomada de posição em favor de uma sociedade igualitária.

Certa feita, o Padre Henrique Lima Vaz, em coluna que mantinha na "Folha de São Paulo", diria, para diferenciar marxistas e cristãos na luta comum pelo ideal de uma sociedade igualitária, que os primeiros acreditavam nesta última como resultado de leis que entendiam existir na história, enquanto que os segundos acreditavam no mesmo objetivo, considerando-o, no entanto, como missão a cumprir, em nome da solidariedade estabelecida por Cristo.

Isso mostra bem a progressiva aproximação de cristãos e marxista em termos de luta histórica, o que abalou a

condição de Maritain como pensador maior das lutas políticas do catolicismo.

Esta observação é feita para, como se propõe ao final do trabalho, ressaltar a curiosidade do pensamento de Maritain, voltar, no mundo da globalização, a apresentar ares de modernidade, enquanto as propostas dos anos 70 e 80 dos católicos e marxistas caminham para o arquivamento.

2. A VERTENTE FILOSÓFICA DE MARITAIN E SUA CONCEPÇÃO TEOLÓGICA

Maritain foi, sabidamente, filho intelectual de São Tomás de Aquino, que, por sua vez, partiu da filosofia de Aristóteles.

2.1

Aristóteles é um pensador que catalogaríamos hoje, em termos epistemológicos, como um realista, isto é, acreditava na existência do mundo objetivo e na razão como entidade diversa do mundo, capaz de entendê-lo.

A partir da constatação da contingência dos seres, Aristóteles conclui pela existência de um ser necessário, responsável pelos que existem mas poderiam não existir.

Em resumo, Aristóteles chega a Deus.

Se Deus existe, os seres, antes de se manifestarem concretamente, foram pensados por ele e ao existirem representam, pois, a concretização de um projeto seu.

As idéias, que para Platão estavam fora da existência, estão para Aristóteles encarnadas na existência.

Sartre, em sua histórica conferência de vulgarização do existencialismo, explica com propriedade esta relação Deus e mundo.

"Consideremos um objeto fabricado, como, por exemplo, um livro ou corta-papel; esse objeto foi fabricado por um artifice que se inspirou num conceito; tinha, como referenciais, o conceito de corta-papel assim como determinada técnica de produção, que faz parte do conceito e que, no fundo, é uma receita. Desse modo, o corta-papel é, simultaneamente, um objeto que é produzido de certa maneira e que, por outro lado, tem uma utilidade definida: seria impossível imaginarmos um homem que produzisse um corta-papel sem saber para que tal objetivo iria servir. Podemos assim afirmar que, no caso do corta-papel, a essência - ou seja, o conjunto das técnicas e das qualidades que permitem a sua produção e definição - precede a existência; e desse modo, também, a presença de tal corta-papel ou de tal livro na minha frente é determinada. Eis aqui uma visão técnica do mundo em função da qual podemos afirmar que a produção precede a existência.

Ao concebermos um Deus criador, identificamo-lo, na maioria das vezes, com um artifice superior, e, qualquer que seja a doutrina que considerarmos - quer se trate de uma doutrina como a de Descartes ou como a de Leibniz -, admitimos sempre a vontade segue mais ou menos o entendimento ou, no mínimo, que o acompanha, e que Deus, quando cria, sabe precisamos o que está criando. Assim, o conceito de homem, no espírito de Deus, é assimilável ao conceito de corta-papel, no espírito do industrial; e Deus produz o homem segundo determinadas técnicas e em função de determinada concepção, exatamente como o artifice fabrica um corta-papel segundo uma definição e uma técnica. Desse modo, o homem individual materializa certo conceito que existe na inteligência divina. ("Sartre - Os Pensadores", ed. Victor Civita, 1984, pág. 5)

A tese que a essência, enquanto projeto divino, precede a existência, significa para o homem a possibilidade de construção de uma ética com fundamentos objetivos e perenes.

A existência humana será eticamente adequada enquanto reproduzir o projeto divino de homem ou inadequada, quando o contrário acontecer.

2.2

São Tomás de Aquino adota os pontos básicos do pensamento de Aristóteles e coloca-os em harmonia com a sua religião, isto é, o catolicismo.

Nada mais próprio para uma religião que coloca o plano da existência como o espaço próprio da salvação, através da virtude, do que um pensamento filosófico que põe em Deus o projeto do ser humano e permite avaliar a conduta humana de forma objetiva, ou seja, boa quando se acopla ao projeto e má quando dele se distancia.

No entanto, Tomás de Aquino sabe que as imperfeições humanas não permitirão jamais o pleno conhecimento dos desígnios de Deus.

Daí, a eleição da Teologia, do estudo da revelação divina, como fonte de saber complementar da razão.

2.3

Maritain, tomista que é, verá o mundo e o homem como realizações de um projeto divino.

Encontrará, através da razão e da Teologia o sentido da existência, a qual deve realizar um modelo de homem desejado por Deus, isto é, homem dotado das virtudes da caridade, da liberdade e do saber.

Na Filosofia, encontra a segurança dos valores humanos objetivos, independente dos modismos e das circunstâncias históricas.

Na Teologia, encontra a resposta para as misérias da vida terrena, resultado de pecado original.

Na encarnação de Cristo encontra a possibilidade do resgate da vida distorcida, através do constante aperfeiçoamento do ser humano, que se inicia na terra e se consuma no céu.

O plano divino da salvação não dissocia pois a terra e o céu.

A salvação humana começa aqui e se complementa-lá.

O homem, em sua existência histórica, tem a dignidade de criatura de Deus e cumpre-lhe, para o encontro com o Pai, desenvolver uma existência cada vez mais próxima do projeto deste Último.

Profano e sagrado se misturam e a história tem como sentido o surgimento do homem novo, isto é, obediente à essência que o antecede.

3. MARITAIN E O MUNDO CONCRETO DA ECONOMIA E DA POLÍTICA

Ancorado em uma filosofia e Teologia que jamais se despreocuparam da existência e da idéia de perfeição, ínsitas na realização dos projetos divinos, Maritain desembarca no século XX portando um conjunto de valores que lhe permitem avaliar o bem e o mal, não só nas condutas individuais, como também nos modelos econômicos e políticos.

3.1

O comunismo nas suas expressões históricas, enquanto negação de Deus, de valores espirituais absolutos e da liberdade individual e enquanto arauto do ódio entre as classes, reduzindo o ser humano a uma visão puramente economicista, distancia-se do projeto divino do homem solidário e destinado à conquista das virtudes individuais.

O capitalismo liberal, centrado unicamente no indivíduo e no lucro e na opressão de uma classe sobre a outra, também está longe da realização do plano de Deus.

Compatíveis com sua visão filosófica e teológica serão, no plano político, as democracias, que permitam, através da liberdade e do respeito ao direito alheio, uma vida cada vez mais solidária e virtuosa.

Ajustados aos mesmos pressupostos filosóficos e teológicos estarão as economias voltadas à distribuição de riquezas, de modo a propiciar ao homem o básico para o desenvolvimento da vida virtuosa e solidária.

3.2

Suas propostas concretas para ambos os planos, ou seja da política e da economia, variarão em função das circunstâncias históricas e da evolução das suas reflexões.

Como anota Paulo Moacir Godoy Pozzebon, Maritain produziu uma **"enorme reelaboração de suas posições sobre a democracia"** (Ob. cit. pág. 79).

Nem poderia ser de outra forma.

A cada nova situação histórica o pensador se debruça com o instrumental de valores objetivos de que dispõe, a partir de sua Filosofia e Teologia, para propor a solução mais coerente com estes últimos.

4. MARITAIN HOJE

4.1

No mundo da globalização, observa-se, como lembra José Eduardo Faria, o progressivo crescimento dos organismos econômicos privados e o enfraquecimento dos Estados diante deles ("Estudos Avançados 11 (30), 1997, págs. 43/53).

Isso coloca a questão fundamental da eficiência da defesa dos direitos dos cidadãos, que encontra no Estado o seu guardião.

O enfraquecimento do Estado vem portanto sugerindo o risco aos próprios direitos do homem.

Onde encontrar-se a proteção dos mesmos?

José Eduardo Faria mostra com propriedade que, cada vez mais, estão nos grupos privados, formados em torno de diferentes valores (qualidade ambiental, respeito à velhice, saúde, educação e etc.) os pontos de resistência à violação dos direitos humanos.

Em resumo, a vida democrática pressupõe a atuação eficiente das múltiplas organizações não governamentais.

Significativos, nessa linha, os protestos de diferentes ONGs, durante a reunião da Organização Mundial do Comércio em Seattle, durante dias da semana passada, todos tendo como alvo o processo de globalização.

Na revista Veja, edição 1.628, ano 32, nº 50, o economista Gustavo Franco, comentando o episódio, releva o conteúdo e objetivo das manifestações:

"O fato é que a Rodada do Milênio atraiu para si um poderoso ataque do movimento "anti-isso-que-ai-está", e os estragos foram enormes.

O maior deles talvez tenha sido a facilidade com que os manifestantes, a despeito do conjunto de disparates proclamados em suas faixas e cartazes, encostaram contra a parede as mais poderosas lideranças do planeta, obrigadas a reconhecer que a OMC não é transparente, que precisa tratar de trabalho infantil, meio ambiente e preferência para países muito pobres. Tudo muito politicamente correto, mas movido pela mais perversa comunhão de interesses entre militantes do tipo "rebeldes

sem causa" e lobbies protecionistas muito bem estabelecidos que souberam utilizar o politicamente correto a seu favor".

Descontada a evidente parcialidade da crítica do economista, tecnocrata que é e com poucas afeições para a questão dos valores, extrai-se com bastante nitidez o relevante papel das ONGs na sustentação dos direitos humanos perante os grandes conglomerados econômicos, comprovando a tese que estamos a sustentar.

Visão mais otimista do acontecimento teve o sociólogo Edgar Morin, que viu na atuação das ONGs fenômeno de expressão de cidadãos do planeta em defesa dos direitos humanos.

4.2

Deste cenário, visualiza-se com surpresa a posição de Maritain, entrevendo décadas atrás, a necessidade de incentivo de organizações privadas em sua atuação política.

Confira-se:

"A sociedade civil não é composta somente de indivíduos, mas de sociedades particulares formadas por estes; e uma cidade pluralista reconhece a estas sociedades particulares uma autonomia tão alta quanto possível, e diversifica sua própria estrutura interna uma autonomia tão alta quanto possível, e diversifica sua própria estrutura interna segundo as conveniências típicas de sua natureza" (Humanisme intégral p.170).

E:

"A vida familiar, econômica, cultural, educativa, importa tanto quanto a vida política para a própria existência e prosperidade do corpo político. Todos os tipos de leis, desde as regras grupais, espontâneas e não formuladas, até o direito costumeiro e a lei no sentido pleno do termo, contribuem para a ordem vital da sociedade política" (L'homme et l'état, p. 10).

4.3

Terminando, assinale-se que, em época de tanta incerteza quanto a da globalização em que vivemos, imperioso é o debate da questão da objetividade ou, não dos valores, único critério de avaliação da humanidade ou não das situações sociais vividas.

E se tal debate é significativo, indispensável será na controvérsia a invocação, entre outros, do pensamento de Maritain, ainda que dele se discorde.